



**FaE**  
*Faculdade de Educação*

UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS  
FACULDADE DE EDUCAÇÃO  
LICENCIATURA INTERCULTURAL DE EDUCADORES INDÍGENAS

## A RELAÇÃO DA COMUNIDADE XAKRIABÁ COM O CÓRREGO RIACHO DO BREJO

MAILSON ALVES DE BARROS

Belo Horizonte  
2019



Mailson Alves de Barros

A RELAÇÃO DA COMUNIDADE XAKRIABÁ COM O CÓRREGO  
RIACHO DO BREJO

Trabalho de conclusão de curso apresentado  
ao Curso de Licenciatura em Formação  
Intercultural Para Educadores Indígena –  
FIEI da Universidade Federal de Minas  
Gerais.

Orientador: Prof. Carlo Sandro Campos  
Coorientadora: Elisa Sampaio de Faria

Belo Horizonte  
2019

## AGRADECIMENTOS

Agradeço primeiramente a Tupã por me dar a oportunidade de realizar este trabalho, à minha mãe, por ter cuidado de mim, e pelo esforço de ter me mantido nos meus estudos quando estava sob seu comando. Agradeço à minha esposa Valdicleia, por ter Paciência comigo na aldeia e quando estive nos módulos do FIEI, e aos meus filhos Mauricio e Helly Kennydy, a toda minha família; a todos os entrevistados, senhor Jacinto Gomes de Oliveira e senhora Santilha Lopo de Oliveira; agradeço também ao senhor Pedro Cavalcante Bizerra e às lideranças Xakriabá, agradeço à minha escola Estadual Indígena Manyã, aos professores e à direção da escola; ao professor de Cultura, Edilson Alves de Barros e a todas as pessoas e às comunidades que deram força para que esta pesquisase desenvolvesse. Agradeço também a todos do FIEI, professores, coordenador, bolsistas, secretaria, amigos de todas as turmas e amigos e amigas da turma da CVN. Não poderia deixar de agradecer ao meu orientador Carlo Sandro Campos e à Coorientadora Elisa Sampaio. Agradeço a todos que contribuíram para a realização deste trabalho.

## RESUMO

O córrego Riacho do Brejo é um curso de água que passa por algumas aldeias Xakriabá. As águas desse córrego forneciam água às aldeias por onde passava durante todo o ano e suas poças serviam como espaço de recreação nos dias mais quentes do ano. Atualmente o córrego deixou de ser perene e seca durante os meses mais quentes do ano. Por causa disso, seu volume de água é insuficiente para manter as necessidades da comunidade e a vegetação do seu entorno tem sido na maioria das vezes suprimida e substituída por pastagens. Este trabalho teve o objetivo de descrever a situação atual do córrego e do seu entorno em relação ao passado e assim procurar compreender por que a água do córrego não é mais aproveitada pela comunidade e por que tal córrego não é mais perene. . Outro objetivo do trabalho é descrever os aspectos físicos do córrego Riacho do Brejo e do seu entorno e avaliar e comparar a relação dos Xakriabá com o referido córrego no passado e no presente, buscando assim possibilidades de intervenção para revitalização desse córrego, procurando evidenciar ações possíveis de intervenção que possam melhorar a qualidade de vida do povo Xakriabá. A pesquisa foi realizada na aldeia Riacho do Brejo, território indígena Xakriabá, localizado no norte de Minas Gerais. Para a pesquisa, foram realizadas entrevistas com moradores da aldeia Brejo Mata Fome e Riacho do Brejo e empreendidas expedições em trechos do trajeto do córrego Riacho do Brejo nas quais o córrego e seu entorno foram fotografados em períodos diferentes do ano. Foi feito também um pequeno açude, para ajudar na revitalização do córrego Riacho do Brejo.

## SUMÁRIO

<b>1. INTRODUÇÃO .....</b>	<b>5</b>
<b>2. METODOLOGIA .....</b>	<b>8</b>
<b>3. TERRITÓRIO INDÍGENA XAKRIABÁ.....</b>	<b>9</b>
<b>4. A ALDEIA DAZAKRU SDARÃKÃ .....</b>	<b>13</b>
<b>5. O CÓRREGO RIACHO DO BREJO .....</b>	<b>15</b>
5.1. Onde o Córrego Nasce.....	15
5.2. A paisagem e as espécies de plantas e animais na aldeia Riacho do Brejo....	19
5.3. Onde o Córrego Passa .....	22
5.4. Como o Córrego era Antes .....	23
5.5. O Uso da Água Antigamente.....	24
5.6. Os Impactos e as Transformações do Córrego .....	24
5.7. Como o Córrego é Hoje.....	25
5.8. Poço do Boi no Córrego Riacho do Brejo .....	26
5.9. O Uso da Água .....	28
<b>6. AÇÕES PARA RECUPERAR O CÓRREGO RIACHO DO BREJO .....</b>	<b>35</b>
6.1. Processo de Construção do Açude.....	36
<b>7. CONSIDERAÇÕES FINAIS .....</b>	<b>38</b>
<b>REFERÊNCIAS .....</b>	<b>39</b>
<b>GLOSSÁRIO .....</b>	<b>40</b>
<b>ANEXO I: Entrevista com o senhor Jacinto Gomes de Oliveira e dona Santilha Lopo de Oliveira .....</b>	<b>41</b>
<b>ANEXO II: Entrevista com o senhor Pedro Cavalcante Bizerra.....</b>	<b>46</b>

# 1. INTRODUÇÃO

Quando resolvi escolher este tema para minha pesquisa, já tinha em mim certa curiosidade de saber sobre alguns aspectos importantes relacionados à história do córrego Riacho do Brejo; sempre me perguntava como surgiu esse nome, de onde veio e por quê. A partir daí, veio o meu interesse em responder, com a ajuda dos mais velhos, a essas questões. Também percebi que a maioria das pessoas que vivem nas aldeias Olho d'Água, Brejo Mata Fome, Riacho do Brejo, ultimamente as pessoas tem usado o nome indígena também, Dzakru sdarãkã é o nome usado na língua akwen Xakriabá, e São Domingos têm certa curiosidade em relação história do córrego.

Hoje percebo que é essencial para a história do nosso povo recordar como era o córrego Riacho do Brejo antes e comparar com seu estado hoje, devido às várias mudanças acontecidas desde os primeiros relatos de contato dos Xakriabá com ele. Vários pontos do córrego vêm sendo assoreados por causa do desmatamento próximo às suas margens. Por causa do desmatamento, garranchos, folhas e terra vêm sendo arrastados pela enxurrada, vindos de lugares distantes fora do trajeto normal da água. Sem árvores perto do córrego, ele fica desprotegido contra o sol e o acúmulo de materiais que acabam sendo levados para suas águas no período de chuvas, como garranchos, folhas e terra. A cada vez que acontece esse processo, a profundidade do córrego diminui e seu leito se torna mais plano, dificultando assim a trajetória da água vinda com a enxurrada.

O córrego Riacho do Brejo nasce na aldeia Olho d'Aguão, a partir de uma nascente chamada pelo povo Xakriabá de olho d água, esse córrego passa pelas aldeias Brejo Mata Fome, que é a sede do território Xakriabá, Dasakru sdarãkã, São Domingos e deságua entre as comunidades de São Domingos, Sabonete e Pau Geou. O córrego Riacho do Brejo não mantém água durante todo o ano; ele fica um período cheio de água e, na maioria do tempo ele fica seco. Esse córrego hoje é considerado intermitente, porque apresenta intervalos com e sem água, mas não era assim antes.

Uma preocupação é que a água do córrego Riacho do Brejo não permaneça por muito mais tempo no leito. Dependendo da época, ele seca completamente como um rio intermitente. Isso é preocupante, pois a água diminuiu bastante nas poucas chuvas que caíram, as nascentes e os córregos acabam secando mais cedo do que o esperado. Temos, portanto, a seguinte situação na aldeia, antigamente o córrego Riacho do Brejo

era perene, pois ele não secava, mas hoje o córrego é intermitente, pois a água não permanece mais no leito durante todo o ano e acaba secando no período de seca.

O objetivo deste trabalho é descrever a situação atual do córrego e do seu entorno em relação ao passado e assim procurar compreender por que a água do córrego não é mais aproveitada pela comunidade e por que tal córrego não é mais perene. Outro objetivo do trabalho é buscar resgatar a memória da relação entre a comunidade Xakriabá e o córrego Riacho do Brejo, procurando evidenciar assim ações possíveis de intervenção que possam melhorar a qualidade de vida do povo Xakriabá.

O trabalho deverá inicialmente descrever o estado do córrego e do ambiente em que o córrego se situa, explicitando as espécies que ocorriam no passado e as que ainda hoje ocorrem no seu entorno. Em seguida, o trabalho terá como foco a relação da comunidade com o córrego e procurará apresentar como era o córrego no passado, qual foi sua serventia para a comunidade indígena Xakriabá em comparação com a da atualidade. Para isso, foram feitas entrevistas com pessoas mais velhas e mais jovens a respeito do córrego. O trabalho procurará apresentar as causas de por que esse córrego não está mais se mantendo cheio por muito tempo e quais as possíveis soluções para esse problema.

Espera-se que a pesquisa sirva como material de consulta para interessados sobre o tema. Nem todos conhecem a estreita relação que havia no passado entre a comunidade e o córrego Riacho do Brejo. Por isso, este trabalho, pretende registrar a memória dos anciões que vão falecer e não estarão mais aqui para contar suas histórias. Esta pesquisa é importante para resgatar a importância que o córrego Riacho do Brejo tinha para as aldeias e para chamar atenção da comunidade para a necessidade de recuperar sua importância e assim proporcionar melhor qualidade de vida para a comunidade Xakriabá, pois é muito importante a recuperação do córrego Riacho do Brejo, porque assim a comunidade Xakriabá voltaria usar o córrego com mais frequência e também poderia usar a água para beber. As pessoas hoje precisam muito do córrego Riacho do Brejo, para lavar roupa, lavar vasilhas, tomar banho e dar água para as crianças beberem. Há um sentimento muito grande quando se vê o córrego seco, então é preciso preservar a natureza no entorno do córrego, para que no futuro o córrego volte a ter a qualidade que tinha antigamente. Escolhi este tema porque eu sinto que precisamos resgatar principalmente os córregos que ainda existem em nossa aldeia, especialmente o córrego do Riacho do Brejo pela sua importância. Os jovens precisam saber como era antes e por que houve tantas mudanças. Por fim, espero que o trabalho

sirva para inspirar materiais didáticos que abordem esse tema e assim poderiam ser usados pela comunidade escolar Xakriabá e também para os interessados em geral.

## 2. METODOLOGIA

A metodologia com que se desenvolveu esta pesquisa se deu por meio de entrevistas semi estruturadas, realizadas com três pessoas mais velhas. Todas são Xakriabá, morador da aldeia Brejo Mata Fome. Escolhi esses entrevistados por terem morado sempre no mesmo lugar. Ambos são conhecedores da nascente do Olho d'Água, onde nasce o córrego Riacho do Brejo. O senhor Jacinto Gomes de Oliveira, de 82 anos de idade nascido em 1935(Fotografia 1) e a senhora Santilha Lopo de Oliveira, de 56 anos de idade, nascida em 1963, e Pedro Cavalcante Bizerra de 74 anos de idade, nascido em 1945. Durante as entrevistas, houve momentos em que tivemos conversas informais com os entrevistados.

*Fotografia 1 - Sr. Jacinto Gomes de Oliveira e Mailson Alves de Barros.*



*Fonte: Acervo de Valdicleia (2018).*

Houve também conversas esporádicas com pessoas de comunidades do território Xakriabá, conversas essas em que, em alguns momentos, surgiram comentários sobre o tema: a relação da comunidade Xakriabá com o Córrego Riacho do Brejo, sem ter um roteiro de entrevista. Essas conversas serviram também como suporte para esta pesquisa.

Para conhecer o objeto da pesquisa, o córrego Riacho do Brejo, foi realizada uma expedição em parte do trajeto do córrego com o objetivo de conhecer a situação, em que ele se encontra atualmente e o estado da vegetação nativa em seu entorno. Nessa expedição, tiramos fotos do curso d'água em vários trechos por que passamos. No trabalho, são mencionadas espécies de plantas e de animais. Optou-se por apresentar

apenas nomes vulgares empregados em minha região. Por essa razão, exceto quando foi necessário, foram omitidos os nomes científicos das espécies em questão.

Logo abaixo, na próxima seção, irei apresentar o território indígena Xakriabá e todas as aldeias.

### 3. TERRITÓRIO INDÍGENA XAKRIABÁ

As Terras Indígenas Xakriabá se localizam no norte de Minas Gerais e se divide em TIX Xakriabá e TI Rancharia. Ambas as terras indígenas se encontram no município de São João das Missões. De acordo com a ISA (2006), a terra indígena Xakriabá foi homologada em 1987, e posteriormente, em 2003, foi acrescentada em área contínua a TI Xakriabá Rancharia. O Mapa 1 mostra o território Xakriabá e o Quadro 1 mostra a descrição do território indígena Xakriabá pelo ISA.

*Mapa 1- Esse mapa mostra o território Xakriabá em vermelho com a primeira ampliação em amarelo e também as terras que ainda estão em estudo de retomada.*



*Fonte: [HTTP://povos indigenas. blogspot.com](http://povosindigenas.blogspot.com) (2014).*

*Quadro 1 - Descrição do território Xakriabá.*

[...] O território localiza-se às margens do rio Itacarambi, onde existem pequenos rios temporários e alguns permanentes. O clima é quente durante todo o ano. A estação chuvosa compreende os meses de outubro a março. Porém, nos últimos anos, o índice de chuvas tem diminuído.

O solo é cheio de contrastes em toda a extensão do território. Em diversas áreas mais altas encontram-se maciços de calcário com cavernas. A vegetação predominante é o cerrado, com árvores de pequi, aroeira, juá, jurema, braúna, pau-d'arco, entre outras. A maior parte da vegetação é nativa, constituída por mata seca e a vereda. Tais áreas são usadas para caçadas e coleta de frutos, tais como cagaita, cabeça- de- negro, jabuticaba, maracujá, melão- de- São- Caetano e xixá. Entre os animais, os mais comuns são veados, cutia, tatu, onça, coelho, raposa, tamanduá, gambá e seriema.

Alguns desses animais encontram- se em extinção dentro das TIs, devido à caça sem controle e fora de época. E, devido à agricultura e ao aumento da criação de gado, o desmatamento no território Xakriabá também vem aumentando de modo preocupante.

[...]

*Fonte: ISA (2006).*

O território Xakriabá hoje tem aproximadamente 11 mil habitantes de acordo com uma liderança da aldeia Dazakru sdarākã, senhor Alvinho Alves de Barros. O território Xakriabá é dividido em **36** aldeias. O Quadro 2 mostra o nome delas.

*Quadro 2 - 36 aldeias no território Xakriabá.*

Dazakru sdarākã	Terra Preta	Brejo Mata Fome	Olho d Aguão
Riacho Comprido	Prata	Imbaúba	Morro Falhado
Itapicuru	Barra do Sumaré	Sapé	Barreiro Preto
Sumaré	Caatinguinha	Custódio	Vargens
Dizimeiro	Peruaçu	Santa Cruz	São Domingos
Pedra Redonda	Morro Vermelho	Itacarambi Zinho	Veredinha
Forjes	Riachão	Rancharia	Riachinho
Pindaíba	Riacho dos Buritis	Várzea Grande	Pedrinhas
Sumaré 2	Sumaré 3	Poções	Brejinho

*Fonte: Conversa informal de Maílson com Edilson e Francisca (2019).*

Dentre as aldeias mencionadas acima, figura a aldeia Dazakru Sdarākã em que corre o córrego que será o foco desta pesquisa. A aldeia Riacho do Brejo se localiza ao norte da aldeia sede Brejo Mata Fome e a 4 quilômetros de distância entre si (NASCIMENTO ET al., 2017). A aldeia faz divisa com as aldeias de Terra Preta, São Domingos, Riachão, Santa Cruz e Brejo Mata Fome. A aldeia Dazakru Sdarākã está às margens do córrego (NASCIMENTO ET al., 2017).

Nesta seção, trato sobre o surgimento da aldeia Dazakru Sdarākã. As informações que subsidiam esta parte do trabalho foram conseguidas por meio de entrevistas realizadas com lideranças Xakriabá, sendo elas Alvinho Alves de Barros, liderança da aldeia Dazakru Sdarākã e a senhora Celestina, sua mãe, concedida a Nascimento ET al. (2017). O Quadro Três explica como essa história foi repassada.

A aldeia Riacho do Brejo recebeu esse nome por causa do córrego, o que evidencia a sua importância para a formação da aldeia (NASCIMENTO ET al., 2017). Essa informação foi confirmada pelo Vice-Cacique Xakriabá e liderança da aldeia Dazakru Sdarākã, senhor Alvinho Alves de Barros, que confirmou que o nome da aldeia Riacho do Brejo escrita na língua akwen Xakriabá, surgiu por causa do córrego homônimo, que desce da aldeia Brejo, sede do território Xakriabá.

*Quadro 3—A história da aldeia foi contado pelos mais velhos para liderança, e por ele repassada para a equipe do Magistério Indígena Xakriabá.*

[...] Essa parte de como surgiu à aldeia Dazakru Sdarākã, foi falada pela liderança da aldeia Dazakru Sdarākã, contando como surgiu a aldeia Dazakru Sdarākã, como que essa história foi repassada para ele, sendo a senhora Celestina sua mãe que a contou essa história. Alvinho Alves de Barros, contou essa história, para os alunos do Magistério Indígena Xakriabá no ano de 2017 na aldeia Dazakru Sdarākã, o projeto de pesquisa dos pesquisadores foi sobre Brincadeira de Antigamente Xakriabá.

*Fonte: Entrevista de senhor Alvinho por Nascimento ET al. (2017), p. 24.*

Celestina Cardoso dos Santos, mãe de Alvinho Alves de Barros, foi uma das primeiras pessoas a morar na aldeia Dazakru Sdarākã a avó de Alvinho, Biana e Pedrinho de Roberta, foi uma das primeiras pessoas a que veio trabalharem colocando roça na aldeia, Celestina contava que Biana e Pedrinho ficavam no mato durante anos morando dentro de uma gruta, passando o tempo de chuva toda morando dentro da gruta, porque nesse tempo não tinha casa para eles morarem. Somente mais tarde é que vieram mais pessoas, Cirilo e

outras as primeiras pessoas a morar aqui na aldeia Dazakru Sdarãkã, vieram também pessoas da aldeia Riachinho e do Brejo Mata Fome, que era e são as aldeias mais velhas dos Xakriabá, então foi aumentando o número de moradores na aldeia Dazakru Sdarãkã, vindas das aldeias Riachinho e Brejo Mata Fome, assim a aldeia começou a ser formada (NASCIMENTO ET al., 2017).

A aldeia Dazakru Sdarãkã fica perto do limite do território Xakriabá com as terras não indígenas perto da comunidade de Traíras (NASCIMENTO ET al., 2017). Por volta da década de 70, a comunidade de Traíras fazia parte do território Xakriabá, mas não havia cacique para organizar os grupos indígenas Xakriabá. A aldeia Caatinginha era comandada pelos baianos. Eles comandavam todas as aldeias, inclusive a aldeia Riacho do Brejo. Essa foi a época em que chegaram os baianos e os Xakriabá deixaram-nos morarem lá no território, é por isso que o povo Xakriabá perdeu uma grande parte da terra indígena e, com a demarcação da terra, partes que pertenciam ao território indígena passaram a ser de não indígenas que moravam nelas, por terem ficado de fora da demarcação. E com isso vieram as conseqüências, que foram a exclusão das margens do rio São Francisco, que pertenciam tradicionalmente ao povo indígena Xakriabá. Os baianos então ficaram com a parte das terras mais ricas em águas e os indígenas foram comprimidos para o local de terra sem água. Isso aconteceu durante a demarcação terra indígena Xakriabá no ano de 1987 (NASCIMENTO ET al., 2017).

#### 4. A ALDEIA DAZAKRU SDARÃKÃ

A aldeia Dazakru Sdarãkã está localizada no território indígena Xakriabá, no Município de São João das missões, no norte de Minas Gerais. As famílias da aldeia Dazakru Sdarãkã são de baixa renda. Antes, todas as pessoas plantavam suas roças e colhiam muitos alimentos: como milho, feijão-catador, também conhecido como feijão-caupi, feijão-miúdo, feijão-de-corda, feijão-fradinho, feijão-frade ou feijão-feijoa, também chamada e conhecida pelo nome de fava, mandioca, gergelim, andu, melão, abóbora, e caixi que é parecido com uma abóbora que serve na alimentação dos povos Xakriabá. As sementes de milho que é plantado no território na maioria das vezes são compradas fora da aldeia, o que muitas vezes contribui para disseminar sementes transgênicas na TI, que pouco a pouco tomam o lugar das sementes crioulas. Além disso, na plantação de milho, o povo usa venenos como TORDON e DMA para fazer a capina. Esses venenos contaminam a água dos cursos d'água, além de prejudicar a saúde dos agricultores.

Por volta de 20 anos atrás chovia bastante, suficiente para que as plantações evoluíssem e viessem a produzir alimentos para as comunidades Xakriabá. Hoje, menos da metade do povo da aldeia Dazakru Sdarãkã planta roça, pois está chovendo pouco e os alimentos que plantam não se desenvolvem como antigamente, hoje muitas pessoas usam sementes compradas de fora do território e usam pouco das sementes crioulas por motivo de os alimentos não produzirem suficiente para fazer a seleção dessas sementes.

As sementes plantadas ficam muito fracas por causa da pouca chuva e, por causa do sol forte, as sementes não agüentam o calor da terra e apodrecem. A maioria das plantações é prejudicada com o sol muito forte, basicamente, os Xakriabá só colhem mesmo feijão-catador e melancia, porque são alimentos mais resistentes à quentura ou calor, por isso a maioria vive por meio de cestas básicas, outros saem para trabalhar em firmas de fora da aldeia, principalmente de corte de cana nas cidades, como Mato Grosso, Colina (SP), Pontal (SP), Bahia entre outras. As pessoas saem para trabalhar na colheita de café no sul de Minas Gerais e a maioria se mantém por meio do Programa Bolsa Família.

A aldeia Dazakru Sdarãkã é organizada por pessoas chamadas de lideranças que são o senhor Alvinho Alves de Barros que é o vice-cacique Xakriabá e é representante da aldeia Dazakru Sdarãkã e o vice-representante senhor Adailton Cavalcante Bizerra.

A água que usamos hoje para o nosso consumo vem de um poço artesiano que há na aldeia Riachinho, uma água tratada pela SESAI (Secretária Especial de Saúde Indígena) água que vem do poço artesiano da aldeia Riachinho. Ela não é potável, porque contém muito cloro e calcário e esse calcário chega às torneiras do povo, é uma água que está causando problemas de saúde nas pessoas como pedra nos rins. Enquanto isso, a água do córrego Riacho do Brejo que poderia ser usada é imprópria para consumo, por que a chuva é pouca, assim a água carrega os entulhos como pedaços de madeiras podres, animais que morrem dentro do curso como cavalos, gatos, cachorros e gado. Por conta disso, não dá para beber a água. A água que vem do poço artesiano tem bastante calcário e acaba causando problemas de saúde na população, então acaba não sendo uma água boa para o consumo, mas é dela que sobrevivemos, motivo de não termos outra opção, a água do córrego a população parou de usá-la para beber, pois as pessoas acreditam que tem muitos micróbios nocivos nessa água.

Hoje é possível fazer com que a água desse córrego volte como era antes, trabalhando a conscientização das pessoas, aconselhando a cuidar mais desse córrego, a não jogar lixo e animais mortos dentro do leito do córrego e também de preservar a vegetação nativa em torno da nascente e no trajeto do córrego. A aldeia Riacho do Brejo se situa numa região de vegetação chamada pela comunidade de carrasco e mata, mais adiante irei falar mais sobre esses dois tipos de vegetação.

## 5. O CÓRREGO RIACHO DO BREJO

Neste capítulo, o córrego Riacho do Brejo e sua nascente são apresentados, assim como as espécies de seres que vivem no córrego. Também se apresentam as transformações por que o córrego passa nas épocas da enchente, cheia e seca e as mudanças no uso da água no passado e no presente.

### 5.1. Onde o Córrego Nasce

O córrego Riacho do Brejo nasce na aldeia Olho d'Água em uma nascente chamada pelos povos Xakriabá de olho d'água (Fotografia 3) , localizado no território Xakriabá aldeia Olho d'Água.

*Fotografia 3 - Olho d'água onde nasce o córrego Riacho do Brejo*



*Fonte: Acervo de Mailson (2017).*

O córrego passa pelas aldeias Brejo Mata fome, Dasakru sdarãkã, São Domingos e deságua entre as comunidades de São domingo, Sabonete Pau Geou. O nome do córrego pode mudar de nome, dependendo da comunidade por onde o córrego passa, os afluentes do córrego são algumas grotas. O Mapa 2 mostra um trecho do córrego Riacho do Brejo.

O córrego Riacho do Brejo está localizado na aldeia Olho d'Água no território indígena Xakriabá, município de São João das Missões no norte de Minas Gerais. O

córrego Riacho do Brejo vem da nascente da aldeia Olho d'Aguão. Hoje ele é um córrego intermitente, estreito e não muito fundo em suas características físicas, o bioma do seu entorno é conhecido pelo o povo Xakriabá de mata. Os animais que habitam a mata do córrego são cachorro-do-mato, guaxinim, galinha d'água, barbado, guariba, soim, bem-te-vi, juriti, canário, Martim- pescador, beija-flor, jônica- de- barro, veado entre outros. Junto às suas margens, há diversas espécies de plantas como pitomba, mutambo, juá merim, jatobá, aroeira, gameleira, babinha é um tipo de fruta, mangueira, embiruçu etc. O nome córrego Riacho do Brejo é conhecido pelo povo da aldeia Riacho do Brejo. Esse nome veio porque passa pela aldeia Brejo Mata Fome e desce na aldeia Dzakru Sdarãkã. O nome do córrego Riacho do Brejo é porque vem da aldeia Brejo Mata fome ele nasce na aldeia Olho d Aguão. Assim ficou o nome de Riacho do Brejo. Escrita na língua akwen Xakriabá Dzakru Sdarãkã, porque os povos Xakriabá estão em período de recuperação de sua língua, hoje os povos que usam essa língua são os povos Xerente, Xavante e Xakriabá, a língua akwen pertence ao troco macro- jês línguas jês. Porem cada etnia possui seu próprio dialeto, que se dividem em três dialetos: Xakriabá, Xavante e Xerentes. Pois esse nome pode variar por região dependendo onde ele passa, pode ser chamado por outro nome, mais os povos da aldeia Riacho do Brejo conhece por córrego Riacho do Brejo que é o mesmo nome da aldeia. Este trabalho abordará a relação da comunidade Xakriabá com o córrego Riacho do Brejo.

Mapa 2 - Córrego Riacho do Brejo. Neste mapa, identifica-se uma parte em que o córrego riacho do brejo passa na aldeia Riacho do Brejo, sendo o córrego essa parte de coloração verde.



Fonte: Imagem do Google Maps adaptada por Mailson (2018).

Como vimos em seção anterior, por volta do ano 2000, à aldeia se servia da água do córrego Riacho do Brejo, mas, desde então, a água que abastece a aldeia vem de um poço artesiano na localidade da aldeia Riachinho. Com a chegada da água encanada, as pessoas que moravam nas proximidades do córrego, acabaram que mudando sua casa para locais mais próximos da estrada principal da aldeia, pois tinha mais facilidade de receber a água encanada e facilitaria também a saúde, pois quando chovia, era muito complicado para a equipe de a saúde chegar até o paciente. Com isso, muitas pessoas se distanciaram do córrego, parando de usar a sua água e utilizando mais a água encanada vinda da aldeia Riachinho. Esse fato é preocupante, já que a qualidade da água encanada deixa a desejar. Nela é utilizado muito cloro e a água fica com bastante calcário. Como já foi informado anteriormente, a água do córrego Riacho do Brejo também não apresenta qualidade excelente, pois animais como cachorro, gato, cavalo e gados morrem dentro do córrego e até mesmo são jogados por pessoas da comunidade em períodos em que o córrego está seco sem água. Uma preocupação também é que a água do córrego Riacho do Brejo não permanece por muito tempo no leito. Dependendo da época, ele seca completamente como um rio intermitente. Isso é preocupante, pois a água diminuiu bastante nas poucas chuvas que caíram, as nascentes e os córregos acabam secando mais cedo do que o esperado. Temos, portanto, a seguinte situação na

aldeia: antigamente o córrego Riacho do Brejo era perene, pois ele não secava. Já hoje o córrego é intermitente, pois a água não dura mais o necessário e acaba secando mais cedo. O córrego Riacho do Brejo não permanece com água corrente por muito tempo, pois vários trechos do córrego estão desmatados. Por essa razão, o olho d'água que abastece o córrego acaba secando antes do previsto. A água hoje não é mais consumida para se beber, é usado apenas para lavar roupa, tomar banho e dar água para os animais beberem.

A respeito de o córrego secar durante o ano, segundo Rodolfo F. Alves Pena, mestre em Geografia, o assoreamento em rios, lagos são um processo natural, mais que pode ser provocado pela a ação dos seres humanos ao meio ambiente. De acordo com Rodolfo F. Alves Pena, o processo do assoreamento é provocado da seguinte forma, o solo é levado, ou arrastado, partículas de solo e rochas são arrastadas em direção aos rios, quando o córrego não tem proteção vegetal, há uma grande quantidade depositada no fundo das redes de drenagem. Esses materiais são levados pelo próprio rio e vão formando bancos de areia no curso d água. Isso acumula no leito do rio e traz prejuízos ao escoamento fluvial. Quando o ser humano desmata a vegetação, principalmente a mata ciliar, isso provoca o surgimento de erosões.

## **5.2. A paisagem e as espécies de plantas e animais na aldeia Riacho do Brejo**

Nesta seção, apresento os dois biomas predominantes da aldeia Riacho do Brejo. A aldeia é dividida em duas paisagens que a gente chama de carrasco (capoeira) e mata, A capoeira é onde tem aquelas árvores mais baixas, onde, na maioria das vezes, a mata foi derrubada para plantar roça. Ai forma o carrasco com muitas espécies de ramagens como: a batata- de- pulga, maracujá- de- boi, maracujá- de- veado, lambe-beiço, etc. Os dois biomas sofrem desmatamento. Na capoeira, as pessoas derrubam a vegetação para plantar capim e manterem sua criação de gado, mas ainda temos uma boa parte dessas capoeiras em bom estado de conservação.

A mata, como o nome sugere, é onde se concentra a maior parte da vegetação mais densa, como mostra a fotografia 2.

*Fotografia 2 – Mata na beira do córrego Riacho do Brejo e plantio de milho.*



*Fonte: Acervo de Mailson (2017).*

Na mata, são feitas derrubadas para a plantação de roça e para plantio de capim, como a Fotografia 2 também mostra. Dela também são retiradas madeiras para a construção das casas. Existem ainda muitos restos de mata. Neles ainda se encontram espécies arbóreas como aroeira, angico, Itapicuru, pau-d`arco, catinga- de- porco, pereiro e braúna, entre outras, são as árvores mais conhecidas e utilizadas pelo povo da aldeia Riacho do Brejo. A aldeia tem mais carrasco do que mata porque a mata, por ser um tipo de terreno em que a água se concentra por mais tempo, por ser mais duro, é mais utilizada para as plantações dos alimentos como; milho, feijoa, gergelim, abóbora e feijão- de- arranca. Já o carrasco é um terreno mais arenoso, a água some com mais facilidade, por ser um tipo de terra muito esfarinhada, na capoeira se planta: melancia, andu, feijão-catador e mandioca.

Os animais que habitam as matas e as capoeiras são raposa, gato-do-mato, veado, gambá, saruê, tamanduá-bandeira, preá, coelho, onça, tatu, teiú, cachorro-do-mato, cutia, garça, dentre outros.

Na minha região, a palavra gambá designa o que se conhece em outras regiões por cangambá ou jaritaca (*Conepatus semistriatus*). As espécies de gambá, marsupiais do gênero *Didelphis*, são designadas pelo termo saruê,

A vegetação está em uma situação degradada devido às queimadas e à falta de chuva. Essa situação faz com que se percam certas variedades de árvores, ou seja, muito raras ultimamente, como aroeira, pau- d'arco, braúna, Itapicuru, tamburi, angico, pereiro, capim- açu, Itapicuru, umburana, jequitibá, jatobá, folha- de- bolo, moreira, bananinha- do- mato.

Hoje em dia, a agricultura de dentro da aldeia Riacho do Brejo, Hoje usado também Dazakru sdarãkã na língua akwen Xakriabá, perdeu a produtividade, pois com a diminuição da chuva, o povo diminuiu a atividade de plantio e foi então perdendo variedades de mantimentos e sementes. Hoje as sementes que são utilizadas para fazer a plantação das pessoas na maioria das vezes são compradas, pois devido à diminuição das chuvas suas roças têm queda de produção. Em muitas roças as pessoas utilizam hoje inseticida para combater o mato, pois é um serviço mais rápido, apesar de ser mais rápido, prejudica a saúde das pessoas, dos animais e dos microrganismos da terra. A toxicidade desse tipo de produto foi tida como causa de câncer em um agricultor nos Estados Unidos pela justiça desse país<sup>1</sup>.

Até por volta da década de 2000, as Pessoas plantavam mais roças, cultivavam mais, elas não utilizavam inseticidas para combater mato e pragas, a limpa ou limpeza da roça era feita toda por meio de enxada, as pessoas tinham muita vontade de roçar, derrubar, queimar, e plantar as roças e todos colhiam bem. Isso mostra que a qualidade de vida e da agricultura passa também por mudanças de hábitos que podem ser positivos ou não.

Na próxima seção, irei falar sobre a História da Relação da Comunidade Xakriabá com o Córrego Riacho do brejo.

---

<sup>1</sup> Segundo matéria publicada no jornal El País Disponível em <[https://brasil.elpais.com/brasil/2019/03/20/actualidad/1553110380\\_561404.html](https://brasil.elpais.com/brasil/2019/03/20/actualidad/1553110380_561404.html)> Acesso em 06/05/2019.

### 5.3. Por onde o córrego passa

O córrego Riacho do Brejo nasce na aldeia Olho d’Aguão (Fotografia4) e passa pelas aldeias Brejo Mata Fome (Fotografia 5), que é a sede do território Xakriabá, e Riacho do Brejo (Fotografia 6). Depois, passa pela aldeia São Domingos e deságua entre as comunidades de São Domingos, Sabonete e Pau- Geou. O córrego atualmente passa por dois momentos mais importantes, num deles, em parte do tempo seu leito fica cheio de água e no outro seu leito fica completamente seco, sendo que ele fica mais tempo seco do que cheio por motivo de poucas chuvas, então, diante disso, chego à conclusão de que o córrego Riacho do Brejo é um córrego intermitente atualmente. Essa situação é ruim para um possível retorno ao aproveitamento de suas águas.

*Fotografias4, 5 e 6 – 4. Olho d água (nascente). 5. Trecho onde o córrego passa na aldeia Brejo Mata Fome. 6. Trecho onde o córrego passa próxima a aldeia Riacho do Brejo.*



4.



5.



6.

*Fonte: Acervo Mailson (2017).*

Na próxima seção, falarei sobre como era o córrego Riacho do Brejo antigamente e para responder a essa questão foram realizadas entrevistas com pessoas mais velhas. As entrevistas feitas foram fundamentais e enriqueceram este trabalho de pesquisa, logo abaixo apresentarei comentários e depoimentos referentes a essas entrevistas.

## 5.4. Como o Córrego era Antes

O senhor Jacinto Gomes de Oliveira e a dona Santilha Lopo de Oliveira (2018) falaram que o olho d'água e o córrego riacho do Brejo era maiores, tinha um espaço maior e tinha mais largura, era bem espaçoso, também tinha bastante água corrente.

No córrego antigamente podia-se mergulhar e sair bem longe dentro da água, porque tinha muito espaço e fundura. Era possível até ficar um em cima da cabeça do outro que a água encobria os banhistas, devido à profundidade do córrego. Quando a mãe de Santa morreu, houve uma enchente muito grande no córrego. Há alguns anos ainda havia o sinal dessa enchente em uma estrada, essa estrada era onde tinha uma cachoeira, tinha bastante água naquele tempo. Tinha vez que a gente pegava 200 peixes de uma vez só (GOMES DE OLIVEIRA, 2018).

Sr. Pedro Cavalcante Bizerra (2018) falou que o córrego não secava que no final das águas ainda ficavam alguns poços de água dentro do córrego para os animais beberem e que era suficiente para agüentar até a próxima chuvada. Eles pescavam muitos peixes como dourado, colmatar e tinha mais, à noite as pessoas pegavam bastantes traíras porque tinha muitas dava gosto de se ver, quando se ia ao córrego ao meio dia era possível ver “muita colmatar”, o córrego tinha tanta água que chegava a ficar de lado a lado do barranco de tanta água, que chegava a ficar de uma cor azul, era muito bonito.

Os depoimentos dos entrevistados no Quadro 4 nos mostram que realmente o olho d'água e o córrego Riacho do Brejo não secavam e eram muito importante para a serventia das comunidades Xakriabá e de todos em seu entorno, também nos mostrou que as chuvas eram mais freqüentes, e, com isso, as enchentes eram também mais fortes, enchendo o córrego todo. O depoimento mostra também que o córrego tinha mais utilidade como tomar banho, lavar roupa e pescar. A paisagem no entorno da nascente e do córrego também era mais bem preservada a nascente era bem protegida com o cercamento de madeiras de cerne. Diante disso, pude perceber a importância do córrego Riacho do Brejo antes e atualmente.

*Quadro 4 - Depoimento de dona Santilha sobre a olho d'água e córrego.*

A nascente do Olho d'água e o córrego Riacho do Brejo não secavam nunca, nos pegava água para beber era tudo do córrego e lavava roupa, todas essas atividades eram feitas no córrego, pois antigamente não tinha torneira, o córrego era de fora a fora cheio de água, tinha vários pontos do córrego chamado de poção que as pessoas utilizavam para lavar roupa, hoje não utilizam o córrego mais para lavar roupa, pois as pessoas se mudaram do local onde moravam que eram nas proximidades do córrego e hoje moras mais próximas de encanações de água que vem da aldeia Riachinho, então as mulheres hoje não lavam roupas mais no córrego porque fica longe do córrego, e também utilizava a água do córrego para tomar banho e para beber, então nunca faltava água para as pessoas antigamente.

*Fonte: Entrevista de dona Santilha por Maílson (2018).*

Dona Santilha Lopo de Oliveira (2018) falou que mata era enorme tinha muitas árvores na beira da nascente e do córrego. O senhor Jacinto Gomes de Oliveira e dona Santa Lopo de Oliveira (2018) falaram que o olho d'água era cercado de madeira, de cerne da aroeira. Em torno do olho d'água, era tudo cercado com madeira, para que os animais não entrassem e não pisoteassem na beira da nascente do olho d'água.

### **5.5. O uso da água antigamente**

Segundo D. Santilha Lopo de Oliveira e o Sr. Jacinto Gomes de Oliveira (2018), as pessoas antigamente plantavam feijão, arroz e milho, usavam a água do córrego para molhar os plantios, porque tinha bastante água no córrego naquela época.

A água do córrego era cheia até nos barrancos, Quem olhava para o córrego podia ver o fundo da água de tão limpa que ela era, via-se até o cascalho. Tinha muitos peixes como traíras bem grandes que ficavam na beira do córrego e eram bem mansinhas. As mulheres lavavam roupa no córrego em local fora da nascente do olho d'água. (LOPO DE OLIVEIRA, GOMES DE OLIVEIRA, 2018)

As pessoas antigamente tomavam banho no córrego fora do local da nascente. Tínhamos locais onde as mulheres lavavam roupa, havia também o lugar onde as pessoas tomavam banho que era nas barragens que eles faziam para se banharem, então essas atividades eram feitas fora da nascente do córrego (GOMES DE OLIVEIRA, 2018).

### **5.6. Os Impactos e as Transformações do Córrego**

Sr. Jacinto Gomes de Oliveira (2018) falou que o olho d'água hoje está cercado de arame farpado. Essa é uma forma que não poderia fazer no olho d'água. Porque se cercar de arame, a água some. Se estivesse cercada de madeira com o cerne da aroeira ele não tinha secado, com isso o córrego também acaba secando, não tendo mais água corrente como era antigamente (Fotografia 6).

*Fotografia 6 – Ponte no córrego Riacho do brejo no período da seca.*



*Fonte: Acervo de Mailson (2018).*

Sr. Jacinto Gomes de Oliveira e D. Santilha Lopo de Oliveira (2018) falaram que uma das causas, também, que fez com que a nascente e córrego Riacho do Brejo secassem foi o desmatamento da vegetação no leito da nascente e do córrego. Segundo ele, hoje as pessoas não têm mais cuidados com o olho d'água e com o córrego como tinham antigamente. Depois que deram para encanar água nas casas, as pessoas deixaram de se importar com o olho d'água que era cercado de madeira. Hoje tudo teria mudado e por causa disso e do desmatamento a nascente e o córrego não tem mais água corrente por muito tempo.

Sr. Pedro Cavalcante Bizerra (2018) falou também que o córrego está secando hoje por causa do desmatamento e que o que as pessoas estão fazendo, derrubando as árvores perto da beira do córrego, como o jatobá, braúna e plantando roças (Fotografia 7) é que provocam a falta de água.

*Fotografia 7–Roça de milho na margem do córrego na época da cheia.*



*Fonte: Acervo de Mailson (2018).*

## **5.7. Como o córrego é hoje**

D. Santilha Lopo de Oliveira (2018) disse que a água do córrego hoje diminuiu bastante, as pessoas foram aumentando “não tem mais água duradoura por muito tempo, acaba secando mais rápido, também a chuva diminuiu bastante de uns tempos para cá, não temos mais aqueles peixes que tinham antigamente, tem alguns mais é difícil para ver um, estão sumindo tudo porque a água do córrego está secando. O olho d'água hoje onde nasce o córrego riacho do brejo ele é cercado de arame farpado, onde antes era cercado de madeira”.

Por questão de espaço, reduzi as falas, mas os depoimentos falam a verdade. As madeiras boas secaram, a madeira aroeira foi a primeira que acabou. Agora tem madeira branca, mas ela não é tão forte como a aroeira. Porque a aroeira é mais do que o ferro, o ferro a ferrugem come, mas a aroeira não, o cerne, ou cerne, como diz na região, fica pra toda vida. (GOMES DE OLIVEIRA, 2018)

Sr. Pedro Cavalcante Bizerra disse que o córrego Riacho do Brejo hoje seca muito rápido, ele só enche quando o ano é bom de chuva, só que mesmo assim o córrego não fica cheio, correndo água o ano todo, nem consegue alcançar as próximas chuvada, seco muito rápido por causa do desmatamento, as pessoas colocam roças na beira do córrego e isso não pode. Cortar as árvores da beira do córrego acaba com a

proteção da água. Na próxima seção falarei sobre o poço do boi, uma fonte onde as pessoas usavam para se divertir como mergulhar, e levarem suas criações para beberem água, e esse poço do boi tinha no córrego Riacho do Brejo.

### **5.8. Poço do Boi no Córrego Riacho do Brejo**

O poço do boi era um local popular onde as pessoas acostumam utilizar com mais freqüência para tomarem banho, principalmente quando o clima estava muito quente. As pessoas se juntavam para se refrescarem e se divertirem, pois esse poço do Boi era bastante grande. O nome poço do boi foi dado porque na época em que os baianos conviviam na aldeia Riacho do Brejo eles criavam gados, nessa época morreu um boi dos baianos nesse poço, ai eles colocaram o nome de poço do boi e este nome está até hoje. O poço do boi está localizado na aldeia Riacho do Brejo entre o terreno do Senhor Nestor e do Senhor Otavio.

Antigamente esse poço do boi não secava. Ele era um dos pontos do córrego Riacho do Brejo que mais agüentava cheio de água, também tinha muitos peixes como: piaba, traíra, piau e bagre. Quando o poço do boi estava quase secando, com pouca água, as pessoas pegavam os peixes com muita facilidade utilizando a peneira, casca da árvore chamada tamburi. Com ramos de arvores, juntavam umas 5 pessoas.jogavam as cascas de tamburi dentro do poço, pegavam os ramos e ficavam rodando ao redor do poço várias vezes até que a água sujava e os peixes ficavam todos tontos e subiam na água. As pessoas vinham, passavam a peneira e pegavam os peixes. Os mais freqüentes eram piabas e piaus, os bagres raramente eram pegos com a peneira, pois eles eram mais resistentes e se escondiam dentro das lapas, que eram os buracos no barranco do poço no fundo da água. Para pegar esses bagres, as pessoas metiam as mãos nas lapas, só que algumas pessoas levavam muitas ferroadas, pois os bagres se defendiam com uns ferrões que eles tinham. As pessoas que já tinham jeito para pegar esses peixes conseguiam pegar, mas os pouco experientes se davam mal e levavam muitas ferroadas. Essa forma de pegar peixes é chamada pelo povo Xakriabá de: “mexer poço”.

Hoje o poço do boi só se mantém cheio muito pouco tempo por causa da estiagem. Os peixes quase não existem mais e não há mais aquela diversão que as pessoas tinham ao tomar banho e ao pescar, quando e se divertiam muito. Atualmente, o poço do boi está quase aterrado de terra, até mesmo as pedras que tinham ao redor do poço foram cobertas. Dele só ficaram as lembranças e mais nada. Na Fotografia 7, mostro o poço do boi cheio, ainda assim distante da imagem que exibia no passado, quando muitas pessoas da comunidade o utilizavam para várias atividades. Na Fotografia 8 mostro o poço do boi e seco.

*Fotografia 10 - Poço do boi na época da cheia, local onde as pessoas tomavam banho e dava água para os animais.*



*Fonte: Acervo de Mailson (2019).*

*Fotografia 11 - Poço do boi na época da seca.*



*Fonte: Acervo de Mailson (2019).*

A seguir mostro as Fotografias 12, 13, 14 e 15 do córrego Riacho do Brejo nas proximidades do poço do boi, com imagem também de uma ponte, mostrando que o córrego estava completamente seco com muitas rachaduras no solo do córrego.

*Fotografias 12, 13, 14 e 15 – Córrego Riacho do Brejo no Período da seca na proximidade do Poço do Boi. 12. Rachaduras no solo do córrego. 13. Rachaduras no solo do córrego e a ponte. 14. Rastros dos animais que pisoteiam o riacho procurando água. 15. Ponte no córrego.*



12.



13.



14.



15.

*Fonte: Acervo de Mailson (2018).*

## 5.9. O Uso da Água

Como já informei anteriormente, antes as pessoas usavam a água do córrego para beber, tomar banho, lavar roupa, lavar vasilhas, dar água para os animais de criação beber como cavalos, jumentos e gados, usavam também a água do córrego para construir casa de adobe. Isso era possível porque a água do córrego não secava e ficava muito tempo cheio no leito. Antigamente também tinha muitas fontes para as pessoas se divertirem e mergulhar.

Mais abaixo apresento as fotografias 16 e 17, do Córrego Riacho do Brejo, tiradas por mim na fonte da minha família no ano de 2017. O termo fonte quer dizer um determinado local em um curso d'água onde as pessoas de uma família se banham, pescam e utilizam a água para outros fins.

Com as fotos, procuro mostrar a variação do volume de água desse córrego que há atualmente em diferentes épocas do ano. Hoje esse córrego Riacho do Brejo é um córrego intermitente, pois nele não tem água o todo tempo. São dois períodos, um período em que ele fica cheio e um período em que ele fica seco. Atualmente, a maior parte do tempo o córrego fica mais seco do que cheio. Na fotografia 16, vê-se o leito do córrego completamente seco e na fotografia 17 com pouco volume de água no início das

águas, quando vieram as primeiras chuvas, criando poços de água em lugares mais fundos.

Fotografias 16 e 17 – 16. Córrego no período da seca. 17. Córrego no período das águas.



16.



17.

Fonte: Acervo de Mailson (2017).

No segundo par de fotos, o córrego aparece em um dos momentos em que vieram chuvas mais fortes, causando enchentes e deixando a água barrenta (Fotografia 18). No período de cheia, quando as chuvas fortes cessam, o córrego apresenta-se volumoso, mas com água limpa e transparente, ideal para ser usada para lavar roupa, para tomar banho e para ser servida aos animais (Fotografia 19).

Essa água não é ideal para beber, pois, como já foi informado antes, morrem bastantes espécies de animais domésticos. Até mesmo carcaças de animais domésticos são jogadas dentro do córrego. Dependendo do volume de água, o córrego não tem força arrastar essas carcaças e, na maioria das vezes, a água fica com mau cheiro, tornando-a imprópria para ser consumida como água potável. Também há casos em que as pessoas jogam sacolas plásticas, sacos de náilon e até mesmo fraldas descartáveis. Em várias partes do córrego há lixo e isso acontece porque as casas das pessoas ficam muito próximas ao córrego, como é o caso da aldeia Brejo Mata Fome. Por essa razão, os moradores acabam jogando lixo no entorno do córrego por não encontrarem destino adequado para esses lixos. Com isso, quando chove, a enchente leva o lixo ao longo do curso do córrego, causando muitos prejuízos, prejudicando a água, os peixes e todas as comunidades por onde a água passa. Também em outras aldeias tem os casos de enxurradas que acaba carregando lixos para dentro das margens do córrego.

*Fotografias 18e19 - Córrego Riacho do Brejo no período da enchente (19) e no período da cheia (18).*



18.



19.

*Fonte: Acervo de Mailson (2017).*

De acordo com as entrevistas realizadas, pode-se perceber que os aspectos físicos do córrego e do seu entorno, assim como os usos que a comunidade fazia do córrego se alteraram de maneira bastante expressiva, como os quadros 4, 5, 6 e 7, apresentados a seguir, evidenciam.

*Quadro 4 -Comparativo dos aspectos físicos do córrego no passado, o que se identifica por passado neste trabalho são cerca de duas gerações a atual, isto é o tempo correspondente a juventude dos informantes desta pesquisa*

<b>Aspectos físicos</b>	<b>Passado</b>	<b>Presente</b>
Vegetação	Carrasco e mata - havia mais espécies	Carrasco e mata – há menos espécies
Volume da água	Volumoso	Pouco volumoso
Manutenção da água durante o ano	Perene	Intermitente
Mata ciliar	Mais preservada	Menos preservada
Aspecto da água	Mais cristalina	Mais suja
Qualidade da água	Potável em todos os pontos	Não potável em alguns pontos
Água corrente	O ano todo	De 4 a 5 meses
Tamanho da enchente	Bastante forte	Menos força

*Fonte: Conversa informal de Mailson com Edilson e Francisca (2018).*

*Quadro 5 - Comparativo sobre os usos do córrego no passado e no presente.*

<b>Usos do córrego</b>	<b>Passado</b>	<b>Presente</b>
Fonte de água potável	Sim	Não
Uso para banho	Frequentemente	É arriscado
Uso para lavar roupas	Frequentemente	Não
Pesca	Frequentemente	Pouco, menor variedade de peixes
Uso da água para criações de animais beberem	Animais só bebiam água no córrego	Pouco, pois usam água encanada
Lavar louças	Frequentemente	Não
Dar banho em animais	Frequentemente	Pouco, pois usam água encanada

*Fonte: Conversa informal de Mailson com Edilson e Francisca (2018).*

Também o número de espécies vegetais e animais no entorno do córrego se alteram ao comparar o passado com o presente:

*Quadro 6 - Relação de espécies de plantas mencionadas pelos entrevistados.*

<b>Espécies</b>	<b>Passado</b>	<b>Presente</b>
Angico	Frequente	Pouco Frequente
Aroeira	Frequente	Pouco Frequente
Bananinha-do-mato	Frequente	Pouco Frequente
Batata-de-pulga	Frequente	Frequente
Braúna	Frequente	Frequente
Cabeça-de-negro	Frequente	Frequente
Cagaita	Frequente	Frequente
Capim-Açu	Frequente	Pouco Frequente
Catinga-de-porco	Frequente	Frequente
Folha-de-bolo	Frequente	Pouco Frequente
Itapicuru	Frequente	Pouco Frequente
Jaboticaba	Frequente	Pouco Frequente
Jatobá	Frequente	Pouco Frequente
Jequitibá	Frequente	Pouco Frequente
Lambe-beiço	Frequente	Frequente
Maracujá	Frequente	Pouco Frequente
Maracujá-de-boi	Frequente	Pouco Frequente
Maracujá-de-veado	Frequente	Pouco Frequente
Melão-de-são-Caetano	Pouco Frequente	Pouco Frequente
Moreira	Frequente	Frequente
Pau-d'arco	Frequente	Pouco Frequente
Pereiro	Frequente	Pouco Frequente
Tamburi	Frequente	Frequente
Umburana	Frequente	Frequente
Xixá	Frequente	Frequente
Juá	Frequente	Frequente
Umbu	Frequente	Frequente
Cagão	Frequente	Pouco Frequente
Pitomba	Frequente	Frequente
Jatobá	Frequente	Frequente
Juá	Frequente	Frequente
Juá Marin	Frequente	Pouco Frequente

*Fonte: Conversa informal de Maílson com Edilson e Francisca (2018).*

Quadro 7 - Relação de espécies de animais mencionadas pelos entrevistados.

Espécies	Passado	Presente
Bagre	Ocorria ainda	Ocorre frequente
Cachorro-do-mato	Ocorria ainda	Extinção
Coelho	Ocorria ainda	Ocorre frequente
Cutia	Ocorria ainda	Extinção
Gambá	Ocorria ainda	Ocorre frequente
Gato-do-mato	Ocorria ainda	Ocorre frequente
Onça	Ocorria ainda	Extinção
Piaba	Ocorria ainda	Ocorre frequente
Piau	Ocorria ainda	Não
Preá	Ocorria ainda	Ocorre frequente
Raposa	Ocorria ainda	Ocorre frequente
Saruê	Ocorria ainda	Ocorre frequente
Seriema	Ocorria ainda	Não
Tamanduá-bandeira	Ocorria ainda	Ocorre frequente
Tatu	Ocorria ainda	Ocorre frequente
Teiú	Ocorria ainda	Ocorre frequente
Veado	Ocorria ainda	Ocorre frequente
Camaleão	Ocorria ainda	Ocorre frequente
Guaxinim	Ocorria ainda	Não
Capivara	Ocorria ainda	Não
Soim	Ocorria ainda	Ocorre frequente
Cutia	Ocorria ainda	Extinção
Barbado	Ocorria ainda	Extinção
Guariba	Ocorria ainda	Extinção
Mixila	Ocorria ainda	Extinção
Paca	Ocorria ainda	Extinção

Fonte: Conversa informal de Mailson com Edilson e Francisca (2018).

As conversas informais que tive com pessoas da comunidade apresentam informações semelhantes às encontradas nas entrevistas. Isso parece indicar que, de modo geral, o córrego Riacho do Brejo tinha no passado mais importância que no presente. O uso que se fazia do córrego antigamente parece que era mais intenso. Com a água encanada, as pessoas deixaram de usar o córrego e este parece ter perdido importância para a comunidade Xakriabá. .

Com relação ao número de espécies, as conversas mostraram que havia mais espécies de plantas e de animais no passado do que no presente. Os entrevistados citaram mais animais as plantas do entorno do córrego do que os entrevistados mais jovens. Essa situação pode ocorrer porque o ambiente do córrego está mais degradado

hoje e muitas espécies não ocorrem atualmente, ou porque a relação entre as pessoas da comunidade com o córrego e seu entorno mudou com a chegada da água encanada.

## 6. AÇÕES PARA RECUPERAR O CÓRREGO RIACHO DO BREJO

Segundo o Código Florestal Brasileiro (BRASIL, 2012), as matas ciliares podem ser entendidas como áreas de preservação permanente, as quais estão previstas no art. 3º, II da Lei 12651/2012. São assim definidas legalmente:

“Art. 3º Para os efeitos desta Lei entende-se por:

(...)

II - Área de Preservação Permanente - APP: área protegida, coberta ou não por vegetação nativa, com a função ambiental de preservar os recursos hídricos, a paisagem, a estabilidade geológica e a biodiversidade, facilitar o fluxo gênico de fauna e flora, proteger o solo e assegurar o bem-estar das populações humanas.” (BRASIL, 2012)

Segundo Miralé (apud BORGES, 2014), as áreas de preservação permanente não são passíveis de remoção, uma vez que desempenha relevante papel no meio ecológico. Assim, “têm esse papel de abrigar a biodiversidade e promover a proteção da vida” (MIRALÉ, 2009, p. 743 apud BORGES, 2014).

Segundo o Código Florestal Brasileiro (BRASIL, 2012), a destruição das matas ciliares pode ocasionar consequências drásticas, pois, além dos impactos ambientais (assoreamento, desbarrancamentos, entre outros), pode trazer prejuízos imensuráveis para as pessoas que moram próximas ao local.

Pensando na necessidade de revitalizar o córrego, um açude foi feito pelos irmãos Edilson Alves de Barros, Gilson Alves de Barros e Mailson Alves de Barros no ano de 2017 na fonte da família Barros no período da proximidade da chuva no começo do mês de outubro para novembro, no dia 14 de novembro de 2017 (Fotografia 20).

*Fotografia20 - Início do açude (represa).*



*Fonte: Acervo de Edilson Alves de Barros (2017)*

Esse açude foi feito dentro do córrego com a intenção de que, quando o riacho enchesse no período chuvoso, o açude pudesse acumular mais quantidade de água por meio da represa e retardasse conseqüentemente, a absorção completa das suas águas. Esse açude foi construído também com a intenção de preservar a vegetação, fazendo com que as árvores daquele local permanecessem mais tempo com suas folhas verdes. O objetivo era verificar se a construção da barragem possibilitaria de fato retardar o processo de seca na intermitência do córrego. Se isso fosse possível, a reserva de água

resultante da ação poderia favorecer as plantas, os animais e também as pessoas que poderiam utilizar essa água. A ação poderia servir também como iniciativa para outras pessoas construírem também uma represa para estender a permanência de água no leito por mais tempo.

Nesse açude foi feito também o sangrador, local em que a água corrente segue seu curso barragem abaixo. Se o sangrador não fosse feito, o açude poderia não suportar o peso da água e possivelmente se romper, pois a enchente é muito forte e pode arrastar toda a contenção.

## **6.1. Processo de Construção do Açude**

Para fazer o açude foi utilizado machado para cortar algumas estacas para enfiar no chão em buracos no fundo. Foi utilizado o machado também para cortar algumas árvores para que fosse feito o entrançamento das madeiras em varões bem grandes de um barranco a outro do córrego.

O cavador foi utilizado para cavar o terreno onde era mais duro e a cavadeira de boca foi utilizada para cavar os lugares mais macios e também para tirar a terra de dentro dos buracos, foram cavados buracos bem fundos dos dois lados mais ou menos 2 metros de largura.

As estacas de cerne foram colocadas dentro dos buracos, logo depois foram centralizadas e aterradas, socadas com um varão de madeira bem firme para a enchente não carregar o açude.

Depois de socar as estacas foi feito o uso de arame farpado para amarrar os varões nas estacas e também amarrando nas árvores que tinham na beira do barranco no córrego Riacho do Brejo.

Depois do arame farpado todo amarrado, veio a amarração das madeiras brancas nas estacas e também amarradas em árvores do barranco do córrego bem firme.

O enxadão foi utilizado para cavar o terreno, terreno em que predominam areia, barro e pedregulho. Também foi utilizada a enxada para juntar a terra fazendo os montes, para facilitar o serviço de jogar a terra dentro dos sacos de náilon e dentro do açude. Também foi utilizada uma pá para colocar a terra dentro dos sacos de náilon e para jogar terra dentro do açude.

Foram usados sacos de náilon para enchermos com terra e assim colocarmos dentro do vagão do açude. Nesse pequeno açude, foram utilizados 103 sacos de náilon cheio de terra.

A pá foi usada para pegar a terra e para encher os sacos de náilon, também jogamos a terra dentro do açude no meio dos sacos de náilon. Usamos também o carrinho de mão para poder carregar pedras, e pedaços de alvenaria queimada, que jogamos no açude.

Depois que o açude tinha já certa altura, colocamos dois panos de sacos de colher café e forramos por cima e dos lados do açude, costurando- os firmemente, para que os sacos de náilon e as pedras não fossem carregados pela enchente.

Também depois dos sacos de colher café, colocamos no pé do açude, uma lona preta e colocamos pedra e terra em cima dela para que a água não infiltrasse e vazasse do outro lado do açude. Então depois de tudo isso o pequeno açude estava pronto, o açude foi terminado bem próximo da chuva, no mês de novembro, 25 de novembro de 2017 (Fotografias 21 e 22). Depois Edilson Alves de Barros plantou alguns pé de manga na beira do açude.

O açude foi construído dessa forma, foi a primeira experiência de Edilson Alves de Barros, de Gilson Alves de Barros e de Mailson Alves de Barros, pois os mesmos nunca tinham construído um açude. Essa represa ou açude foi feito com muita alegria, com a intenção de ter mais água para utilizarmos, não só para minha família mas para todos que precisassem. Nosso povo sofre bastante com a falta de água, principalmente no período da seca, quando não está chovendo, e o córrego não se mantém água o tempo todo.

Esse açude foi construído por Mailson, Gilson e Edilson, sendo que a idéia desse açude foi de Edilson Alves de Barros.

A seguir descrevo os resultados obtidos com o açude.

## RESULTADOS DO AÇUDE

No primeiro teste do açude, não fomos muito felizes, porque o açude não segurou muita água por muito tempo, possivelmente por ser um açude novo, acreditamos que nos próximos anos o açude responderá em pontos mais positivos, segurando mais água, pois o barro já estará mais bem socado. Ele não ficou muito alto, pois os sacos de náilon de que dispúnhamos acabaram. Resolvemos deixar naquela altura mesmo, com o plano de no ano seguinte trabalhar novamente no açude, reforçando-o ainda mais, pois ouvimos dizer que todo açude, no primeiro ano, não segura muita água. De fato aconteceu que esse pequeno açude que fizemos conteve pouca água na seca. Em comparação com o curso normal, a água permaneceu no leito por mais tempo, mas com pouco tempo de diferença.

*Fotografia 21 e 22- Açude em finalização.*



21.



22.

*Fonte: Mailson Alves de Barros (2017).*

## 7. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este trabalho foi muito importante, porque nele foi feita a descrição de como o córrego Riacho do Brejo era. Procurei mostrar que o córrego era perente no passado, mas hoje, em razão do desmatamento e da falta de proteção, ele é intermitente. Procurou-se buscar informações sobre como o córrego era no passado por entender que é muito importante as pessoas saberem como era esse córrego no passado e como está na atualidade. Como mostrei, no passado, o córrego Riacho do Brejo era muito rico de água sendo um ponto de referência e de diversão para a comunidade Xakriabá. Suas águas eram utilizadas para suprir todas as necessidades das aldeias, como lavar, roupa, vasilhas, dar água para os animais beberem, por lazer e também para pescar. Hoje, infelizmente, esses usos não podem mais ser feitos. O trabalho procurou também descrever como era a vegetação no entorno do córrego e dos animais que lá viviam. Parece que há uma relação direta entre o estado do córrego e o uso do solo em seu entorno. Isso fica evidente ao se considerar o desmatamento que tem sido feito para a atividade de agricultura. Procurei mostrar também como tem crescido o uso de agrotóxicos e de produtos químicos para realizar capina química e nesse movimento como o uso de sementes transgênicas tem substituído o uso de sementes crioulas. Durante as entrevista percebi uma sabedoria e paciência enorme em relatar informações importantes sobre o tema pesquisado, eu entendi que o córrego faz parte da vida dos mais velhos, mas também de todos nós. Tive uma experiência enriquecedora que foi a construção de um pequeno açude com minha família Barros, experiência essa que entendo eu poderá inspirar mais pessoas no processo de revitalização do córrego Riacho do Brejo, ainda por acontecer. Percebi também durante o andamento dessa pesquisa que esse tema pode sim ser ampliado por mais pesquisadores, pois sempre há mais informações relevantes sobre esse tema aqui descrito em formato de TCC. Enfim, ainda há muitas questões a serem respondidas sobre a relação da comunidade Xakriabá com o córrego, esta foi apenas uma etapa de um longo processo que poderá reabilitar o córrego Riacho do Brejo no território indígena Xakriabá.

## REFERÊNCIAS

Blog **Povos Indígenas e Diversidade Cultural**: Xakriabá. Disponível em <http://povosindigenasb.blogspot.com/2014/05/xacriaba-introducao-um-dos-poucosgrupos.html?m=1> Acesso em 13/02/2017.

BORGES, Thaísa. A aplicabilidade do Código Florestal na preservação da mata ciliar. Jus. (2014) Disponível em <https://jus.com.br/artigos/31044/a-aplicabilidade-do-codigo-florestal-na-preservacao-da-mata-ciliar> Acesso em 05/05/2019

BRASIL. **Lei n. 12651, de 25 de maio de 2012**: Código Florestal Brasileiro. Diário Oficial da República Federativa do Brasil.

ISA – INSTITUTO SOCIOAMBIENTAL. **Povo Xakriabá**. (2006) Disponível em <https://pib.socioambiental.org/pt/Povo:Xakriab%c3%a1> Acesso em 13/02/2017.

NASCIMENTO, Carlos Santos Teixeira. NASCIMENTO, Danilo Cavalcante Seixas. DOURADO, Darlene Cavalcante. BARROS, Edna Alves de. DOURADO, Joseane Cavalcante. **Brincadeiras de Antigamente**. São João das Missões: Escola Estadual Indígena Bukimujú, 2017. 31 p.

PENA, Rodolfo F. Alves. Assoreamento de rios. **Brasil Escola**. Disponível em <<https://brasilecola.uol.com.br/geografia/assoreamento-rios.htm>>. Acesso em 05 de maio de 2019.

## GLOSSÁRIO

**Dismantelano:** desmanchar, desconstruir

**Quenem:** igual, do mesmo jeito

**Possãozão:** espaço grande, enorme

**Corrença:** correr, algo correndo

**Da cular:** lugar, direção

**Bucado:** muito, bastante

**Fais; Fazer**

**Tantão:** muita coisa, bastante

**Panhava:** carregar, levar, pegar

**Taboquera:** taboca, muita taboca

**Tavim:** apelido de pessoa

**Duardo:** apelido de pessoa

**Dicima:** porcima de algo, altura

**Num piscazim:** em um piscado de olho

**Zoi:** olho

**Artú:** nome de pessoa

**Pu:** dizer um lugar (ex: ali no córrego)

**Impastado:** formar pastagem

**Anzoli:** anzol

**Pauzão:** árvore grande

**Disorde:** destruir, acabar com tudo

**Perversa:** prejudicar

**Baixão:** lugar bem mais baixo

**Largano:** deixar, largar

**Peservar:** preservar, cuidar

**Prus:** para um lugar

**Atoa:** sem precisão, pessoa que apronta

**Premanente:** permanente, para sempre

**Pra cular:** lá, direção de alguma coisa

**Dirriando:** caindo

**Dismuecada:** machucada, ferida

**Zapá:** parte do corpo de um animal

**Inspidura:** deixar algo em pendurado

**Salo:** sal, tempero

**Fuçura:** parte intestinal de um animal

**Sargo:** salgar um animal com sal

## ANEXO I: ENTREVISTA COM O SENHOR JACINTO GOMES DE OLIVEIRA E DONA SANTILHA LOPO DE OLIVEIRA

Legenda de transcrição: dentro da entrevista quando é usada a pausa na fala do entrevistado é usada uma reticência.

**Entrevistador:** Mailson Alves de Barros nascido no ano de 1990, idade 28 anos.

**Entrevistados:** senhor Jacinto Gomes de Oliveira nascido no ano de 1935, idade 82 anos e dona Santa (Santilha Lopo de Oliveira) nascida no de 1963, idade 56 anos.

**Entrevistador Mailson perguntou:**

Como era o olho d'Água antigamente?

**Entrevistado senhor Jacinto respondeu:**

O oi d'água, quando eu era... nuns bons tempos eu era mais novo e era um oi d'água maior né! Tinha mais espaço, mais largura, agora depois de uns bons tempos as águas foi encurtando, o povo foi rendeno e foi diminuino mais a água, sendo que hoje ele tá menos né! do que era de primeira né! cabou tudo, cortou tudo a água. A água diminuiu de mais.

Até no tempo que o vei... seu avó trabalhou lá, ele tinha bastante água, corria bastante pra cá, as mulher lavava roupa mais pra baixu, e ai ele tinha bastante água, que o vei tava lá faze no as coisa dele! as coisa dele lá né! também desse tempo não habitei ali mais, é....

Naquele tempo, era uma matona pra todo lado, hoje não, cabou! o povo dismatou de mais, o povo aumentou e as coisa foi dismantelando tudo né! tanto que hoje não tem nada certo, é tudo diferente do que era de primeira.

**Entrevistador Mailson perguntou:**

Como era o uso da água do oi d, água?

**Entrevistado senhor Jacinto respondeu:**

Moço lá poque ela era cercada de madeira, hoje que eu não sei, poque tem tempo que eu não andei lá mais.

**Entrevistada dona Santa:**

Lá é cercada é de arame!

**Entrevistado senhor Jacinto:**

Ai então mudou, poque a cerca de lá era de madeira, aroera né, serno de aroera tudu em roda, ai fechava né, tudo fechadim, lá nada entrava pro lado do broto da água. Agora hoje, fais tempo que não andei ali mais, não sei como tá. É cercaram de arame, é quem esse daqui, cercou de arame também, é, porque aqui não tem água corrente mais, só têm o jeito dela, que era de primeira né, que tinha água mesmo, mais ela não tá corrente mais não, como era antigamente não.

**Entrevistada dona Santa:**

De primeira era água que o povo molhava feijão, prantava arroz, prantava mii ne e hoje já não tem mais esse tanto de água.

Mais hoje diminuiu tudo as coisas, certas coisas que tinha de primeiro, hoje não existe mais e as pessoas não acha mais aquela pranta né, fico tudo difícil.

**Entrevistador Mailson perguntou:**

As pessoas tomavam banho lá antigamente?

**Entrevistado senhor jacinto:**

Moço de primeira eles tomava banho, mais era mais em baixu, tinha um lavador de mulher lavar roupa né, e lá tinha um poço assim, fazia aquelas barraginha né, ali eles banhava, mais ali no olho d, água mesmo eles não banhava não, só se fô hoje, poque o povo vai ficano assim misturado, né...ninguém pode dá jeito mais, mais de primeira ninguém num banhava lá no oi dele não,tanto que de primeira a água dele era certinho assim no barranco, de fora- a- fora, era limpinha cê olhava assim enxergava o fundo da água assim, o cascaio da água. Tinha pexes, pexes tinha!tinha umas trairinhas desse tamanho é, a gente chegava à bera dela e ela andava e ficava é, hoje ainda existe algumas mais, mais é mais pequena, mais difícil né, né toda veis que a gente vai lá que ver elas não, as metade dos pexes voltou, escondeu, o povo foi rendendo foi apertando muito né, a maior parte deles escondeu, não tá tudo igual era não, as matas era altas, lá era cercadinha, os animais bebia pelo lado de baixu assim, que eles tinha a bebida assim, bebia mais era mais pra baixu, mais no lugar da água mesmo era cercado de madeira. Nunca secava não, hoje secou poque a água não é mais corrente, já não teve mais corrença que tinha de primeira, acabou as águas aqui, aqui até os rios cabou, cabou tudo, igual aquele da cular de cima é a mesma coisa, de primeira tinha tanto pede.

**Entrevistador Mailson perguntou:**

Porque o riacho secou?

**Entrevistado senhor jacinto:**

Moço ai não vou saber, poque ele secou, é poque as coisas tudo ela vai mudano né e ai forma uma coisa ai, que a gente não pode tirar a discrição é....

**Entrevistada dona santa:**

A dismatação das matas né, os cuidados que as pessoas não tem mais com o oi d, água, igual tinha, que depois que deu para encanar água e ai eles não teve mais aquele cuidado que tinha de cercar com madeira, isso ai foi mudando as coisas, eu acho que a água encurtou, mais foi por causa da dismatação.

**Entrevistado senhor Jacinto:**

Para encurtar o caso as madeiras acabou de cercar, as madeiras boas secó, madeira de serno, aroeira isso foi a primeira que acabou, agora tem madeira branca, não sustenta, não aguenta igual aroeira, não aguenta não, porque a aroeira é mais do que o ferro, o ferro o ferrugem comem, e a aroeira não, o serno fica pra toda vida.

**Entrevistada dona Santa:**

Esse candial aqui mesmo ele corria água direito, agora ele parou também de correr água, mais só que ele fica um pocinho lá ele não seca nunca, mais ele corria água direto, agora ele secou e assim diminuiu a água né, só que ele não seca nunca, mais tem o pocinho do candial ali, a gente pega com Deus pra chover bastante, pra ele voltar de novo.

**Entrevistado senhor Jacinto:**

A chuva tamem diminuiu, mais a falta da chuva que baixou, aqui em cima do morro, Orgenio falava que tinha uma lagoa ai que um dia ele desceu, ainda bebeu água nessa lapona, mais eu não conheço nunca vi essa lapa, que tinha até peixe dentro dela lá.

**Entrevistadora dona Santa:**

Até 5 anos atrás ela ainda existia.ai ela tinha peixe até 5 anos atrás ainda existia peixe por ai, aqui de cima do morro e tinha peixe nela a seca interinha, ai que eu não sei que os menino não foi lá mais pra ver se ela secou.

**Entrevistado senhor Jacinto:**

Tem a lapa do oi d, água.

**Entrevistada dona Santa:**

Lá é lindo de mais viu, lá é bonito, tem água lá dentro, não sei se ainda tem água, até quando eu fui lá uma época tinha ainda, eu acho que ainda tem.

**Entrevistado senhor Jacinto:**

De primeira olha, até quando Augusto meu prime era pequeno, moleque assim, ai nois foi lá com ele, lá ele banhou nessa água lá, a água nasce aqui assim e daqui ela quebra aqui assim, ai nessa caída dela pra li banhou. Fais uns 8 anos, não tem nem 8, uns 7 anos por a, acho que tem mais de 7 anos, tinha água bastante. Porque essa eu não sei de onde ela veio, não sei se é do Peruaçu, não sei dá aonde que ela vem, acho que do Peruaçu não é porque o Peruaçu secou, só tem água da ponte de Joaquim pra frente, pro lado da vila né, lá na vila, pois é lá tem água, tá com anos que eu andei lá, quando eu andei lá eu era um menino, andei lá mais os primos meus lá, onde ondei lá um bucado de veis lá no Peruaçu. É água cum daqui, enxergava água cum daqui na FUNAI, era uma água sozinha, o rio né, tudo acabou, cabou tudo é.

**Entrevistador Mailson:**

Os animais pisoteavam no olho d, água antigamente?

**Entrevistado senhor Jacinto:**

Os animais eram mais pouco né.

**Entrevistada dona Santa:**

Ele era cercado assim, tinha uma cerca assim, tinha um pé de gameleira assim, ai por baixo do pé de gameleira nois pegava água, lavava roupa, e oi d, água pelo ao lado de cima, pro lado de cima, cá na frente tinha outra cerca do açude do vei Lorindo tinha um tantão de água imenso pros bichos banhar tudo, era muito bonito, só que agora com a falta da chuva, secou né. Aqui mesmo nesse riacho nois pegava peixe, até quando eu mudei pra qui de pouco, nois pegava peixe, que era traíra desse tamanho assim, aquelas traironas.

**Entrevistado senhor Jacinto:**

No riacho podia mergulhar pra sair naquele lá naquele paeiro e tinha instancia né, e a fundura podiam ficar um por cima da cabeça do outro que encobria de tanto fundo que era, mais hoje acabou tudo, ficando difícil né e vai desmantelando assim não sei cuma, as coisas desmantelou, desse da serra pra baixo tá tardando mais, fica fraca não sustenta Cuma era né? Tá vendo essa estrada ali quando a mãe de Santa morreu mesmo, tava com poucos tempos, que essa cheia tinha passado, ainda tinha o sinalo dela ainda né, é onde tinha uma cachoeira é, era tanta água, mais era água bastante mesmo naquele tempo. Tinha veis quando eu pegava 200 peixe de uma vez.

**Entrevistada dona Santa:**

Aqui não secava não, nois pegava água tudo para beber, tudo aqui do riacho, tudo era do riacho, pá lavar roupa, pá beber, antes não tinha torneira era tudo cheio d'água ai, era aqueles poção d'água, agente lavava roupa, parava água pra beber, banhava, nunca faltava água, molhava feijão, plantava milho, plantava arroz.

**Entrevistado senhor Jacinto:**

A água sustentava a seca toda, bem de corrida. Mais ficava uns poção né, quemem o poço de Franco mesmo nunca secava de uma vez e hoje que uma baixa na cachoeira também e era a mesma água aqui. Agora ela encontra ali em baixo, a água encontra assim, uma vem de cá aqui vem aqui e encontra nesse meio ai, por rumo da taboquera. Aqui tem uma aguinha aqui, aqui no candial. Tem um pocinho ali e é pouquinha água né, mais nunca secou. Ele é aqui, e o oi d'água nunca secou, também nunca secou. Aqui é todo dia não, mais tem veis que labuta com a água dele, do oi d, agua, o a torneira ali, foi Tavim ele que puxou ela pra qui.

**Entrevistador Mailson:**

Essa torneira ali vem do olho d, água?

**Entrevistada dona Santa:**

É do oi d, aguão, agora esse ano que choveu, ai ela tá vindo de novo né, é....

**Entrevistado senhor Jacinto:**

Agora ta vindo de novo é porque lá faltou no oi da água, a água baixou né, quando é assim na falta da água, ele baixa, ai desce fora do rio na corrida da água, ai fica difícil.

**Entrevistador Mailson:**

Então até hoje vocês usam a água do olho d'água né?

**Entrevistada dona Santa:**

Usa até hoje nois usa, né, é só dar uma chuvada ela vem nas torneiras.

**Entrevistado senhor Jacinto:**

Ali Duardo também trabalha com ela ali. E ai ela vai até Artú, quando ela tem corrida ela vai até lá.

**Entrevistada senhora Santa:**

Tá pegando com Deus que ela seca esse ano não, que esse ano choveu bem né? Deus ajuda.

**Entrevistado senhor Jacinto:**

Deus ajuda que sustenta né?

**Entrevistador Mailson:**

Achei que essa água da torneira ai ela vinha é do poço artesiano do Riachinho.

**Entrevistada dona Santa:**

É não essa ai é do olho d, aguão.

**Entrevistador: Mailson:** essa água da torneira que vem do olho d água serve para beber, tomar banho? ou serve para tudo?

**Entrevistada dona Santa:**

Quando ela tá limpinha serve para conzinhar e pra beber, só quando ela chuva, é que tem veis que chove lá no Peruaçu, ai ela vem chuva, não precisa nem ela chover aqui para ela vim chuva, que quando desse lá vem a inchente, ai a água do oi d, agua vai e chuva, é tem um mistério com ela que pode chover, pode não chover sempre ela chuva. De primeira disse que quando chegava tamem, disse não que eu já vi, estranho a água borbolha e fica chuginha é.

**Entrevistador Mailson:**

Ela estranha a pessoa?

**Entrevistada dona Santa:**

Estranha! O povo conta a história de primeira que tinha até a mãe d, água lá teve gente que até já viu ela pintiando o cabelo dicima dá... gameleira.

**Entrevistado senhor Jacinto:**

Estranha, estranha na hora né!Entrevistado senhor jacinto: ai eu eia passando e é eia ia para a casa de... ele morava ali no retiro, o irmão dela no retiro, ai ela passando pra lá de tardinha de ida ou foi de vinda de lá do retiro pra cá, ela vei rompendo quando ela olhou lá no barrando do oi d, água assim, que lá o oi d, água lá é como daqui nesse paieiro ai de largura, ai é vai ai ela olhou tavala sentada imcima de uma pedrona no barranco do oi d,água, sentada pintiado, pintiando o cabelo cum pente, da cor que era o cabelo dela era o pente, ela dizia que... aquela muier lá... vou panhar ele, mais vei uma muriçoca mordeu a perna dela, quando ela aqui, bateu a mão na muriçoca ela tornou olhar lá só viu a agua tava mexendo ela pra dentro, foi imbora né.

**Entrevistada dona Santa:**

É! Essa coisas encantada é difícil.

**Entrevistador Mailson:**

Não é qualquer um que ver não?

**Entrevistada dono Santa:**

Não! Aqui mesmo eu já vi uma cobra, já vi uma galinha ali no brejo do vei Justino, num piscazim de zoi que eu piscava assim a galinha já sumia cheinha de pinto marelinha, ela com aquela rencada de pinto ai eu saia correndo atrais dela, quando eu piscava o zoi, que eu piscava o zoi ela sumia uma cobra de toda grossura, as pinta marelinha tamem mais cobra ta estranha qualquer coisinha ela desaparecia, agora essa ai eu vi mesmo, é essas duas coisas eu vi fiquei incutida mesmo, nunca mais eu vi tamem, tamem mudou a estrada num passou mais por lá, lá tamem secou a aguinha tamem que a aguinha que ficava lá era a aguinha do oi d'aguao era um pocinho que tinha ali no brejo do vei justino, mais era lindo de mais.

**Entrevistador Mailson:**

Mais a água vai acabando e os encanto vai sumindo né?

**Entrevistada dona Santa:**

É...vai sumino né! Mais bem que ainda existe, é bem que ainda existe, o tempo vai mudando, primeira as coisa aparecia mais porque o povo era muito bobo né? É a perdição nossa

**Entrevistado senhor Jacinto:**

É muitas coisas né. É mais tem muitas coisas que pra mim não serviu, esses mais novos não alcançou mais, eu não alcancei outros da minha idade também não alcançou, só vê contando o causo de algumas coisas né, que a maioria das coisas os mais vei não falava pra gente né? Quem era eles pra falar?

## ANEXO II: ENTREVISTA COM O SENHOR PEDRO CAVALCANTE BIZERRA

Legenda de transcrição: dentro da entrevista quando é usada a pausa na fala do entrevistado é usada uma reticência.

**Entrevistador:** Mailson Alves de Barros nascido no ano de 1990, idade 28 anos.

**Entrevistado:** Senhor Pedro Calvacante Bizerra.

**Mailson perguntou:**

Como era o córrego Riacho do Brejo antes e depois?

**Senhor Pedro Branco falou:**

O córrego Riacho do Brejo não secava não, quando ele cortava ficava uns poços, e aí os poços d, água adurava a água que... no tempo a outra quando a chuva chovia ainda tinha muito poço d, água pra criação beber e duns anos pra cá os aterros os remonte foi tomando de conta e a seca também incumpridor e aí o, secou, cê ver agora a água, só agora quando vem uma chuva pesada cê ver que enche o riacho, Mais a água vai embora tudo, aterrou tudo, mais antigamente isso aí tinha peixe que cê podia... jogava o anzoli... de noite pegava cada uma traíra isso acabou tudo, curmatá, tinha dourado que vinha tudo de baixo, ficava tudo aí, ali naquela fonte do finado zeca, da finado... quando era antigamente era cercado, aquilo ali era tudo impastado, cê via o riacho era... a água vinha ali naquelas pedras, cecava mais ficava ali naquela pedras lá naquela volta onde tem um pé de jatobá.

**Mailson falou:**

Ali né Valdeci?

**Senhor Pedro falou:**

É que entra pupu menino pa....

**Mailson falou:**

Otavio? Otavio?

**Senhor Pedro falou:**

Otavio! Ali tinha um pé de jatobá derrubaram ele ali, essa água ia dá.... de cá ela ia passava daí até no.... num tem uma grotta que vem do arrozal? Que Cai ali de riba, mais inriba du... povo de Ermiro pura li, caia ali, intão essa água topava ali tinha, tem outra lapa de pedra lá topava lá. E aí esse trem quando era ali solo quente mei dia cê olhava assim curmatar chega tava assim arvo naquele tempo chegava ser azul de água num secava num secava naquela época, cadê hoje o? hoje ucê num ver, era o ano todo cheio d'água, agora, agora com essa seca que veio essa seca ucê num ver água aí o tem água agora nas aguas daqui uns dias tá correno, mais quando for no duro da seca mesmo nois tomo com a falta da água, mais antigamente não era assim não.

**Mailson perguntou:**

Assim....o senhor acha que ele secou por quê?

**Senhor Pedro respondeu:**

Secou por causa....aa seca e oe num ver dismato dos riacho que os povu foi dismatanto, cê vigia aí cê num ver um pau pau.... igual a braona esses pauzão grosso que tinha cabou tudo, que sigura água era a.... a.... o mato que tinha aquela sobreira, sessenta gaia, esses pau tudu foi cabano tudu, aí ucê olha aí cê vem que aqui tem lugar que cê olha daqui pra lá na beira do riacho tá aquele peladão, pois matô as arvores tudo. Isso é disorde. Quem feis? A disorde aí quem feis foi o povo mesmo que foi ponhando roça na beira do riacho queimando tudo, desmatou muito cabou! Hoje nois tomo nessa seca aqui é purisso, mais deixa é....pevesar a.... as.... as matas crescer mais nas beiras do

riacho cê vai ve, purisso que ali o aquele cercado aquelas roça ali o num deixando, num tôponhando roça mais na beira do riacho pra descascar, aquela barrage ali, aqueles baixo caso que sustenta ner um minério um oi d`água que sai, seis ver lodo ali naquela mata ali, ali todo ano o oi d`água vem.

**Mailson perguntou:**

Pra preservar o riacho tem que deixar pelo menos uns 50 metros?

**Senhor Pedro respondeu:**

Pelo menos 50 metros longe dudu.... dada.... Beira daquela grotta, daqueles baixus, ali mesmo, ali era bunito o, daí Bastião foi derrubano uns pau ai, tirando madeira de casa ai, eu falei o Bastião isso aqui nois vamos largano, agora mesmo Dazim tava querendo que nois cercar em roda longe que tem o oi d`água um minero assim na baxa dentru da grotta, e todo ano ele saia ele paro quando foi no ano passado ele brotô, ai ele torno voltar, mais já volto no mês de de.... Quais ne mais, que ele secô, tão esse ano nois quer ver se nois sercar lá em roda pra nois deixar, tem que pesevar pra água votar de novo, se num pesevar num ficar zelando a bera do riacho, paçano um cerca mais longe, que onde tem um oi d`água cerca que é prus bichu não pisar, puquê talvez Deus ajuda que vota de novo, isso é pá proteger aquela água, se não proteger aquilo não zelar pa proteger a a.... as nascente? A água vai cabano vai desceno muito por fundo. Ser ver seu pai, no tempo do seu pai mesmo. esses mais vei que já morreu mesmo aqui, finada Diana, finada Joana, finado Sirilo esse povo aqui,tudo tinha aquele poção fundo, tudo tinha aquela reserva, oi d`água, olha aquele poço que chama poço de mamão.

**Senhor Pedro Branco perguntou:**

Você conheceu onde tem uma gameleira nele?

**Mailson respondeu:**

Sangrador

**Senhor Pedro Branco falou:**

Sim, Sangrado!

**Mailson perguntou:**

Lá também chamava de gameleira?

**Senhor Pedro Branco respondeu:**

É chamava poço de gamelera aquele lá era assim, quando era num tempo desse aquele poço ainda tava cheio d`água, ninguém michia naquele poço pra pegar nenhuma piaba, ali ficava ai o, quando foi de uns anos pra cá quem feis o dismato ai atoa foi o povo ali o, que ali tinha uma gameleira que era assim o, e era forte pra sigurar água, ai pegaram e cortou e revirou aquilo ali, disse que era pra prantar bananeira, prantar o que nosso, o que é premanente da terra nois vai matar pra fazer outra, não deixa aquilo ali na reseva. O pau gaia vinha pra li vinha pra cular tomava de conta daquilo ali tudo, o que aconteceu

**Mailson respondeu:**

A sei

**Mailson perguntou:**

Porque o poço do boi é conhecido por esse nome?

**Pedro Branco respondeu:**

Uma vez morreu um vaca, pra cá daquele, daquela baixa. Manelo botou uma roça, e ai botou fogo na roça e ficou aquela braona que era muito grossa que não pode derrubar e lagou lá e no no fogo que ele queimou a roça eu não sei se ele colocou fogo no pé da braona o foi o fogo que pegou dum lado meio seco, esse trem ficou ruendo lá ruendo, ai a grandona as gaiona vinha pra cá era um paúzão bonito, quandi foi um dia eu tava mais ele cerrando um pau, não eu tava mais finado zeca, ai chegou ele, que ele morava mais canote chegou ele, ele tinha uma tremura ueueue que foi aconteceu uma

coisa lá em casa é lá na roça, ficou a braona queimando lá e a... eu vi caiu, fui olha bem sedo a braona tinha caído em cima de uma vaca. O gado desceu pá i beber água era gado de marodim, desse povos lá dos pimentas tudo bebia batia aqui foi a vaca ia descendo pá beber água e passou a derradeira foi essa que ia passando foi a hora que o fogo foi serrando, ai foi derriando ela deu um trote mais não deu tempo de ela sair fora a gaia da bichada caiu assim na zapá dela e ficou dismoecada ficou de baixo, quando manelo chegou era uma vacona castanha, chegou la em falano, mosso e agora como que fais não sei não tem ferro não sei de quem é. Eu disse mosso, mais ai sabe o que vai fazer? Aproveita a vaca, vamos aproveitar ai ele é eu não sei, ai eu falei pruveita a vaca mosso ispindura e deixa ver ai o dono parece, isparrama a nutícia e ai a gente tira a vaca pegar ai... quer que ele fez matou... sangrento chegou lá sangrou a vaca vamos tirar o coro, mais ali mais, ali foi a base de meia noite ficou... ela ficou dismuecada assim, e ai o sangue ficou preso, mosso tava marelinha de gorda tiremo o coro. Tiremos o coro ai o fogo tava queimando no toco do pau da braona, já tiremos ali um pedaço de carne passemos um salo já assemos ali mesmo na mesma da hora a a bicha tava gostosa, ai que que eles fizeram o José morava lá, Zé corta chão morava de jonto do finado loro, se eles pega a vaca e... ou dividia logo vamos comer essa vaca depois nois caça o dono já paga não, foi caçar gente espindurou como hoje, foi caçando gente quando pensar que não foi achar o dono lá ne Marcelino bento que era o dono da vaca, já como amanhã cedo o urubu já tava fazendo festa na fuçura da carne jogou tudo pru mato num cumeu. Eu acho que é purisso que botou o nome dela de poço du boi, os gato tudo bebia era lá, eu acho que era isso mesmo e ai perdeu e jogou pru mato. O finado Tando foi e pegou um pedaço de custela se sabe que a custela pegou mais peso, ficou ali e...imprensada asulou e ele chegou lá o que que ele fez sargou esse trem um pedaço, botou o outro no fogo. Intão eu acho que foi porisso que chama ele de poço do Boi.

Imagens de um dos entrevistados



Sr. Pedro Cavalcante Bizerra, mais conhecido com Pedro Branco

Imagens do córrego Riacho do Brejo



Ponte no córrego Riacho do Brejo    Trajeto dentro do córrego (pedras)



Açude dentro do córrego Riacho do Brejo



Poços de água dentro do córrego

Poço de água em local mais fundo



Vegetação no entorno do córrego Riacho do Brejo



Mailson no córrego Riacho do Brejo



Mailson e seu filho Mauricio no córrego Riacho do Brejo